

Sobreviventes

Crítica de *Selvagem*

Por Mariana Barcelos

Do lado de fora do Teatro Café Pequeno, terça-feira, quase 21h do dia 20 de agosto de 2024, um grupo de pessoas esperava Felipe Haiut após o espetáculo. Uma moça o abraçou e disse: “Parabéns pela coragem”. Pouco depois ele avistou o Rabino Nilton Bonder, idealizador do Festival Midrash de Teatro, que está em sua 10ª edição. Bonder lhe agradeceu pela participação e ia emendar um novo assunto quando foi interrompido por Haiut: “Sabia que foi você que fez meu Bar Mitzvá?”. Bonder sorriu: “Eu sei”.

Selvagem é um solo autobiográfico sobre as memórias de infância de um homem gay que foi uma “criança viada” nos anos 90. Judeu, “burguês”, como Felipe mesmo disse enquanto dançava axé, lembrando um concurso do condomínio que morava em Salvador, “Mini Jacaré 1998”, do qual saiu vitorioso (embora não lhe tenha sido permitido aproveitar o prêmio, um ano de aulas de lumbaeróbica). Uma vez crescido, Felipe resolveu elaborar suas experiências numa narrativa e contar, diante das lembranças, o ponto de vista daquela criança.

Por que dar a uma criança de sete anos a *Playboy* da Paula Burlamaqui? Quem era ela? Por que ela estava pelada na neve? Por que assinar a revista por mais três anos? A mãe de Felipe tinha ouvido falar que até os sete anos a criança não definiu sua orientação sexual. O menino desenhava vestidos “belíssimos” para encobrir os corpos nus das mulheres – a “criança viada” é indisfarçável.

“Criança viada” é uma categoria reconhecida carinhosamente pela comunidade LGBTQIAPN+. Trata-se das crianças queer que, fatalmente, não viveram um fluxo natural de autoconhecimento, porque foram “descobertas” antes – o menino efeminado, a menina sem feminilidade. A visão dos outros sobre estes corpos infantis transforma para sempre as rotinas possíveis da infância e das fases posteriores de desenvolvimento do indivíduo.

Essas crianças viram o pavor e o medo nos olhos dos pais a despeito dos seus futuros amorosos e sexuais. Viram o pai chorar pela primeira vez porque um amigo tinha feito piada com os trejeitos do filho. Viram a vergonha estampada na cara da mãe. Não sabiam exatamente o que havia de errado com elas, mas sentiram o abandono, a rejeição e cresceram entre frases que não faziam sentido – “Fala que nem homem”, “Não pode cruzar as pernas”, “Não pode chorar”, “Você não gosta de mulher”, “Não pode gostar do número 24”, etc. Essas crianças cresceram caladas, segredadas, escondidas, mas, uma vez podendo contar a própria história, fazem ressoar uma voz-coral.

Foi no início da modernidade que homens comuns (burguesia) conquistaram o privilégio de se tornarem pessoas biografáveis – antes, essa possibilidade existia apenas

para os nobres. Acontece que os burgueses acumularam riquezas e puderam pagar pelo protagonismo nas obras de arte, ver seu próprio drama no teatro, seu busto no museu, a biografia e relatos de si nas prateleiras das livrarias. A ascensão da biografia “coincide” na história com o momento do aparecimento do “indivíduo”, o então “homem comum”, autônomo e independente, dissociado de Coroas e genealogias secularmente conhecidas. Quando decide inscrever seu nome na história, este homem que, para todos os outros, não passava de um desconhecido, vira objeto de si mesmo. Ao se dedicar a uma investigação sobre si próprio, além de esticar um fio inteligível ligando os acontecimentos de sua vida particular, o biógrafo de si está envolvido em um exercício de alteridade e cumpre a demanda histórico-social de dizer ao “Outro” que aquele “eu” existe. Em *Selvagem*, Felipe Haiut diz a si mesmo: “Hoje eu diria praquela criança que ela sobreviveu”. Aquela “criança viada” existe, ainda que o mundo não queira vê-la, nem lidar com ela.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. Eis porque é lógico pedir auxílio àqueles que tiveram que romper com essa tradição no próprio terreno de sua realização exemplar. Como diz Allain Robbe-Grillet, “o advento do romance moderno está ligado precisamente a esta descoberta: o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório”. (BOURDIEU. 2006: 185)

A quantidade infindável de fios emaranhados que emolduram o palco, passando pela ribalta, as laterais e todo o fundo, dão conta de informar que as lembranças são caóticas, cheias de nós. Para reviver memórias, o manuseio é delicado. Felipe Haiut tem um ar de vitória, preenchido algumas vezes por feições de deboche, já que todas as tentativas de “curá-lo” foram falhas. Vai lembrando passagens sempre com um tipo de riso. Ele não segue exatamente a cronologia dos fatos, ele organiza sua história a partir da tomada de consciência que foi tendo. Ele é artista, ator, dramaturgo, usa shorts curtos, que a blusa preta cobre inteiramente, e um tênis legal. O homem comum, objeto de si mesmo.

Haiut usa três dispositivos formais para produzir sentido na narrativa que constrói: a transformação que se deu ao longo dos anos no relacionamento com os pais; o pano de fundo de referências icônicas dos anos 90; e o desenvolvimento dos afetos românticos. Sua mãe comprou a Barbie décadas depois, seu pai mandou um áudio de 15 minutos, que o público pode ouvir em parte em algum momento. O primeiro amor nunca assumido. Uma edição de flashes de programas de auditório com piadas homofóbicas aparecem nas três televisões de tubo que compõe o cenário – é de onde saem todos os fios embolados. Uma lista de personagens gays que ficaram famosos por servirem de escárnio. Quem eram os “S” da sigla GLS? Os assédios que os meninos (“crianças viadas”) sofrem por parte de

homens casados e/ou pedófilos. Até a década de 90, a homossexualidade era considerada doença pela OMS. Se imaginar como personagem do filme romântico da sessão da tarde. A vontade de dublar a Sandy (e namorar o Junior), de ser Paqueta, ir embora na nave da Xuxa.

Entende-se a autobiografia como uma escrita de fatos reais, verdadeiros. Mas tentar fixar anos de trajetória em algumas páginas ou em 60 minutos de espetáculo é o que Bourdieu chama de *ilusão*: uma vida inteira não é passível de ser contada sem uma montagem, um recurso também reconhecido como “autoficção”. A ideia de que a biografia é uma ilusão, uma ficção, um “drama” que descende exclusivamente da vontade de representação do homem está presente nos estudos sobre o biográfico nos campos da literatura, da filosofia, da história e das ciências sociais, entre outros. A biografia contém um tipo de escrita pária que ninguém quer abrigar efetivamente, porque está constituída neste paradoxo do real x ficcional, apresentando um conteúdo moderno numa forma (épica) antiga.

Uma ilusão formal, contudo, não é uma mentira. Uma biografia representa um recorte de biografias possíveis daquele tempo histórico no qual ela surge. Norbert Elias diz que a biografia manifesta-se como *função*, que realiza uma *função biográfica* ao mostrar a relação inescapável entre o indivíduo e a sociedade. Como pode ser a biografia de um homem gay, judeu, carioca da zona sul, nos anos 90? Como pode ser a biografia de um homem gay, preto, carioca morador de comunidade, nos anos 90? A *função* social da biografia é revelar os recortes – e também as trajetórias desviantes –, ao mesmo tempo em que demarca os indivíduos na história.

Luiz Fernando Duarte diz que a narrativa individual é um “microtempo fundamental, espelho e demonstração de sua realidade cósmica” (DUARTE. 1981:37). Na medida em que a narrativa biográfica é um ponto possível na linha da narrativa histórica, a história do indivíduo funciona para a história da humanidade como uma lente microscópica expondo o elo invisível das relações pessoais que se apresentam, displicentemente, como sem causalidade.

Meu irmão, quando senta, cruza as pernas fazendo dois encaixes: coxa direita sobre a perna esquerda, seguido pela canela direita por detrás da panturrilha esquerda. Inclina o corpo para um dos lados, põe os punhos apoiados nos quadris e mãos direcionadas para fora – é a imagem fotográfica que tenho dele sentado na escada de casa, em Rio das Ostras, com sete anos de idade, em 1997. Minha mãe um dia me pediu para que virasse ao contrário, no álbum de fotografias, todas as imagens em que meu irmão estivesse com esta pose. Disse que as fotos não tinham “saído boas”. No espetáculo, Felipe encontrou uma foto sua virada ao contrário na gaveta do quarto da mãe. Em meio aos meninos do futebol, fazendo a posição de time, os meninos de braços cruzados, enchendo o peito, no centro Felipe, quadril para o lado, uma mão na cintura, a outra fazendo o sinal de paz e amor, pernas levemente dobradas, mandando um beijinho. Ainda que eu tenha encontrado Felipe Haiut pela primeira vez na minha vida, não foi a primeira vez que nossas biografias se encostaram.

Inspirado no vocabulário cosmológico de Duarte, diz-se que todo indivíduo é uma flecha do tempo dentro do seu tempo histórico. A narrativa biográfica, ainda que restrita nas expectativas do indivíduo, apresentando-se geralmente com características formais e de conteúdo genéricos, é um risco que ilumina, a partir do que expõe, o passado, o presente e o futuro da história. As biografias das crianças *selvagens* da década de 2020 serão diferentes das de outrora. Não se trata de meras memórias individuais desprovidas de valor, são documentos do tempo.

Felipe, no Leblon, posicionou-se de frente para os seus, como que numa sinagoga, e exibiu com visível satisfação o que concluiu de tudo o que viveu. Coragem? Como parabenizou a moça mais tarde? A autobiografia do homem gay recebeu bem mais recentemente um espaço de respiro e “autorização” para existir. Gays e biografias sofrem com as fobias daqueles que são os defensores dos limites de gêneros. Para reunir ambos no teatro, após toda a narrativa história de violência e perseguição, foi preciso mais do que coragem: eles precisaram sobreviver.



(Divulgação/Felipe Haitt)

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

DUARTE, Luiz Fernando. *Antropologia 41 (Três Ensaios Sobre Pessoa e Modernidade)*. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia, Rio de Janeiro, v. 41, 1983.

ELIAS, Norbert. [1939]. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Mariana Barcelos é artista e crítica de teatro.